

ADELINA 'CAXIDA'

O Fiel Retrato de Uma Vida



pág. 4 e 5

A Cestaria da Póvoa

Uma Arte Que Une Gerações



pág. 2 e 3

Projeto Social da Argevadi

Sonho Abre Portas à Realidade



pág. 6 e 7

'Caminhos, Ruas e Lugares'

Av. Repatriamento dos Poveiros



pág. 8

Arte da Cestaria

Une a Guarda à Póvoa de Varzim

Desde tempos idos que a população de Gonçalo, uma freguesia do concelho da Guarda, trabalha a verga e o vime, transformando estas matérias-primas em diferentes formas de arte. A cestaria em Gonçalo é uma atividade secular e acredita-se que a grande maioria dos cesteiros que existem em Portugal tenham as suas raízes nesta localidade.

Qualquer cesteiro de Gonçalo aprendeu, desde muito jovem, a entrançar, de forma árdua, mas habilidosa, as pontas de verga ou vime que, com arte e engenho, se entrelaçam de forma delicada em

torno de moldes, denominados 'fôrmas'. Desta arte, cuja mestria é transmitida de geração em geração, resulta o célebre Cesto de Gonçalo.

Nos dias de hoje, a cestaria continua a ser um elemento caraterizante da povoação de Gonçalo, estando profundamente enraizada na sua história. Apesar de não ter a mesma preponderância de outrora, continua a ser produzida pelas mãos hábeis e experientes de alguns artesãos, que se recusam a deixar morrer a tradição.



O leitor certamente se interrogará sobre qual a ligação entre a cidade da Póvoa de Varzim e a freguesia de Gonçalo, na Guarda. Pois bem, a resposta encontra-se na cestaria artesanal e na arte de trabalhar o vime, que chegou até nós pelas mãos hábeis da família Brioso, que aqui se instalou e cujo legado vai já na terceira geração.

A icónica loja do n.º 103 da Avenida Mouzinho de Albuquerque, carinhosamente apelidada no seio da comunidade por 'Cesteiro' ou 'Casa dos Cestos' é hoje gerida por Alexandra Brioso, neta dos fundadores, sob a denominação comercial de 'ArtCestos'.

Reza a história que, em meados do século passado, César da Rocha Brioso e a esposa Albina de Jesus Brioso foram em busca de uma vida melhor e deixaram a

freguesia de Gonçalo para se estabelecerem em Barcelos, juntamente com os três filhos, Florinda, José e Benvinda.

Exímios na arte de trabalhar o vime, o junco e outras fibras de origem vegetal, carregando nas mãos o saber de gerações, o casal de artesãos dedicou-se à cestaria, conciliando a venda ao público em Barcelos com a participação em várias feiras.

Na década de 50 a Póvoa de Varzim fervilhava de turistas no verão e a família Brioso passou a alugar uma casa, na Rua José Malgueira, de maio a agosto. Durante este período vendiam na praia as cestas de vime, as cadeiras, os berços, os tabuleiros e outros artigos. A era do plástico ainda não havia chegado, pelo que o negócio proliferava e a família também aumentava, já que o casal teve ainda mais seis filhos, Raúl,

Maria Augusta, Joaquim, Alexandre, António e Manuel.

"Como gostavam muito da Póvoa, os meus avós compraram este edifício na Rua Mouzinho de Albuquerque, que na altura estava à venda, julgo que por 50 contos. Fizeram obras de adaptação e na parte de baixo existia a loja e um espaço onde vivia e trabalhava toda a família. No andar de cima recebiam os familiares quando estes vinham de Gonçalo e no verão alugavam aos banhistas", conta a atual proprietária e neta dos fundadores, Alexandra Brioso.

Dentro do estabelecimento, rodeados de molhos de vime e fôrmas de madeira, todos trabalhavam em perfeita harmonia, unindo os laços familiares à arte da cestaria. "De joelhos, sentavam-se em cima das pernas, metiam uma almofada por bai-



xo, e em cima tinham uma gamela retangular de madeira, revestida a chapa, com água para amolecer o vime. E tínhamos também uma máquina em ferro, que um dia pretendo oferecer ao Museu Municipal, em que se dava à manivela para separar o vime, retirando o miolo (liaça)", lembra Alexandra Brioso.

O vime vinha diretamente de Gonçalo e entre os muitos produtos vendidos encontravam-se, por exemplo, os cestos de arco (jigas), os açafates usados pelos pescadores e lavradores, as condessas (mala em forma de farnel), berços e peças de mobiliário em vime e bambu, cavalinhos de madeira, além de rolos de massa, colheres de pau, almofarizes ou candeeiros.

"Como a família era numerosa, enquanto uns ficavam no estabelecimento a trabalhar, outros faziam feiras, entre as quais as de Famalicão (quarta-feira), Barcelos (quinta-feira) e Vila do Conde (sexta-feira), para além da grande feira do Senhor de Matosinhos, que durava praticamente um mês", refere a proprietária.

Depois do falecimento do pai e das tias, que geriam a empresa em sociedade, Alexandra Brioso agarrou o negócio de família e tem procurado dar continuidade a uma história escrita com muito trabalho, suor e sacrifício ao longo de mais de 70 anos. "Apesar de ter estudado, a minha vida foi passada aqui. O meu pai faleceu em 1982 e a partir daí fiquei com as minhas tias à frente do negócio. Nunca quis aprender a trabalhar a cestaria, mas sei colocar asas (baracinha) nas sacas de palma, pintar e fazer pequenos arranjos".

A cestaria foi uma atividade muito rentável no passado, até ao surgimento do plástico, altura em que entrou em declínio e correu sérios riscos de desaparecer. No entanto, nos últimos tempos ganhou novo impulso e hoje os artigos voltaram a ter grande procura. "É um negócio que vai dando para viver, porque as pessoas gostam muito destes produtos artesanais, que voltaram a estar na moda. Hoje também há uma variedade que não existia no passado,

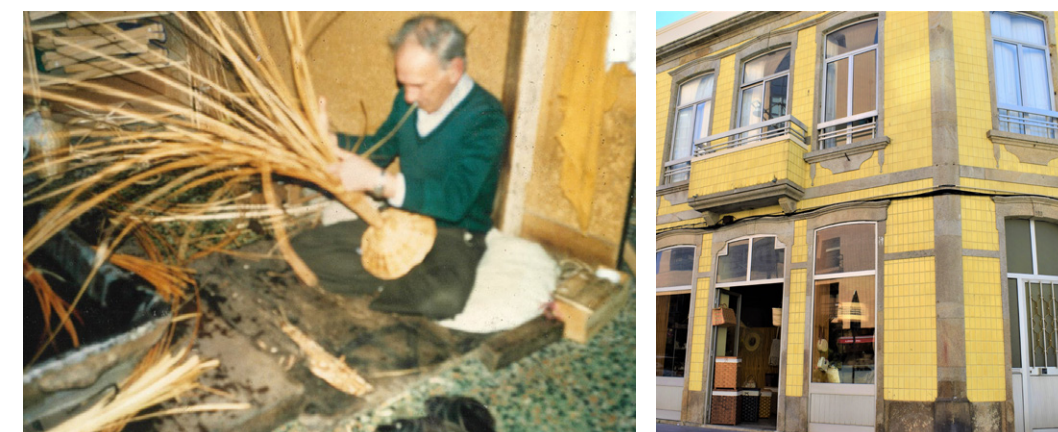


principalmente ao nível das peças de decoração. Inclusive, faço muitos artigos por medida, ao gosto do cliente. Antigamente Portugal ainda conseguia produzir matéria-prima, incluindo bambu, mas atualmente importamos muitos dos materiais que depois ganham vida nas mãos dos nossos artesãos".

Sob a nova denominação comercial de 'ArtCestos', Alexandra Brioso abraça com orgulho e responsabilidade o legado deixado pelos seus antepassados. "Os dois anos de pandemia foram complicados de

ultrapassar, mas este ano já se notou alguma retoma. No verão, principalmente em agosto, o negócio ganha um outro élan, já que os estrangeiros ficam deliciados com o que aqui encontram. Ao contrário dos portugueses, não discutem preços e apreciam a qualidade dos artigos e a decoração vintage deste espaço".

E conclui: "Já não imagino a minha vida fora deste espaço e só tenho pena de não ter quem possa dar continuidade a este negócio. Mas enquanto aqui estiver, vou honrar sempre a herança da minha família".



Adelina 'Caxida'

O Fiel Retrato de Uma Vida



Existem coincidências felizes. Há pouco tempo, a União das Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai adquiriu, em leilão, um quadro do pintor Alberto de Souza, datado de 1954, onde está retratada uma mulher poveira. Do lado esquerdo do quadro pode ler-se: 'Póvoa de Varzim' e 'Adelina Caxida'.

Recentemente, o Presidente da Junta de Freguesia, José Ricardo Silva, foi convidado pelo Centro Ocupacional da Lapa para a atividade 'Histórias Antigas da Póvoa', onde entendeu apresentar três histórias em estágios diferentes: um conto já publicado, um outro que ainda está a ser escrito e, por fim, uma história por contar. Esta última consistia no quadro adquirido e na mulher retratada, que se deduzia que fosse alguém originário do bairro sul da cidade.

Perante uma plateia atenta, José Ricardo Silva resolveu perguntar aos presentes se alguém conhecia a mulher do retrato e, para surpresa de todos, uma senhora se levanta e afirma: "Eu sou a Adelina Caxida!". Assim, com quase 90 anos de idade, esta poveirinha deparou-se com o seu retrato no longínquo ano de 1954.



Adelina da Silva Russo, mais conhecida por 'Tia Lina Caxida', nasceu em 26 de dezembro de 1932, na Casa dos Pescadores, no bairro sul da cidade da Póvoa de Varzim.

Ainda hoje, caminhando a passos largos para as 90 primaveras, retribui no sorriso e no olhar meigo a talha de uma vida escrita com muito trabalho, lágrimas e sacrifícios.

Numa época de muita fome e miséria, não teve sequer tempo para ser criança. No esteio de uma comunidade piscatória

maioritariamente matriarcal, a vida cedo a tornou mulher. "Tive sete irmãos, mas hoje só tenho uma irmã, que completou 96 anos em setembro. Morávamos em frente ao portão da Casa dos Pescadores, na Rua da Assunção. Antes vivíamos nas Caxinas, andávamos como os ciganos, hoje aqui, amanhã acolá. Não pude ir à escola, mas de contas ninguém me engana", afirma com orgulho.

Tia Adelina foi ao baú das memórias para lembrar o tempo da sua meninice. "Com oito anos a minha mãe deu-me um

cabaz para a mão para catar o lixo. Andávamos pelas beiradas e rapávamos tudo o que havia. Vivíamos daquilo. O lixo era trocado por lenha aos lavradores e depois o meu pai vendia a lenha pelas padarias para termos o que comer. Havia muita miséria naquele tempo. Não tínhamos tempo para brincar e se aldrabássemos a tarefa o mais certo era apanharmos um valente estalo".

E recorda: "O meu pai foi marceneiro antes de ser pescador e um dia pediram-lhe para fazer uma carrela de madeira. Fez muitos serões para terminar a tempo do natal. Então, mandou-me levar a carrela a casa do homem e receber 10 escudos. Mas cheguei lá e o homem disse que depois dava o dinheiro à minha mãe. Quando regresssei a casa não havia o que comer, era dia de natal. Choravam uns para cada lado, era assim a vida...".

Aos 18 anos, Adelina Russo casou com Almerindo Alves e hoje tem uma prole numerosa, com seis filhos, dezenas de netos e bisnetos. "A bom da verdade, tive 11 filhos, alguns faleceram ainda pequenos e tive um filho que morreu com 23 anos, no naufrágio do 'Sónia Natália'. O sonho dele era o mar, mas um dia a alar as redes o barco virou e nenhum escapou", lamenta.

"Conheci o meu marido porque ele andava ao mar com o meu pai. Depois as velhas, a mãe dele e a minha mãe, arranjaram o casamento. É muito bom homem. Agora nem tanto, que já estou velha, mas ele era muito ciumento. Se viesse uma pes-



soa que me desse bom dia ou boa tarde e eu respondesse, ele dizia: 'Eu não vou aqui?! Não tens nada que dar bom dia ou boa tarde'. Mas eu nem ligava, sempre fui muito senhora de mim".

Em 1954, Tia Adelina foi a 'musa' que inspirou Alberto de Souza a pintar o quadro de uma poveira à espera dos barcos na enseada da praia do peixe. O quadro, que a Junta de Freguesia recentemente adquiriu, foi uma surpresa de que não estava nada à espera: "Recordo-me perfeitamente desse dia, como se fosse hoje. Tinha ido apanhar argaço e estava toda molhadinha, da cabeça aos pés, porque quando vinha uma vaga maior botávamos a cabeça para furar a vaga. Quando cheguei a casa, troquei de roupa para ir à praia vender peixe. Foi nessa altura que esse senhor me pintou, sem eu me aperceber de nada. Naquele tempo, a gente queria trabalhar e não tinha aonde. Tinha que viver. É por isso que tinha essa figura esguia aí no quadro. Era carinha de fome e miséria".

Para colocar comida na mesa, Tia Adelina sempre arregaçou as mangas, mesmo quando a vida teimava em ser madrastra: "Enquanto a minha sogra ia vender peixe para Balasar, eu andava de gamelinha à cabeça e os filhos ao colo a vender sardinha aos banhistas. Numa outra ocasião, cheguei a ir para a casa de uma vizinha, que estava doente, fazer as coisas por ela e tomar conta dos três filhos a troco de ter alguma coisa para comer. No verão, também montei barracas na praia do Caneta. Ia às cinco horas da manhã botar as barracas e às sete da tar-

de ia tirar. Nunca tive medo do trabalho. Apanhei lixo, fui para a apanha do argaço, andei nas barracas, vendi peixe. Corri as sete partidas do mundo".

Nos momentos de maior aperto, conta que chegou a penhorar roupa e lençóis: "Quando o mar cerrava, os homens já não podiam ir ao mar. Sem peixe, não havia tostão. Às vezes pegava numas saias melhorzinhas, nuns xailes para as costas, fazia uma trouxinha e ia empenhar. Certo dia, fui a casa da minha irmã aos gritos, porque não tinha nada para comer. Ela foi a um gavetão, tirou uns lençóis e fui empenhar, ao penhorista atrás da Câmara Municipal, que pagava ouro e limpezas brancas. Lembro-me como se fosse hoje, 50 escudos por seis lençóis brancos. Nesse tempo empenhava-se tudo. Os bacalhoeiros quando vinham da pesca do bacalhau compravam tudo, quando iam novamente de viagem as mulheres vendiam tudo. Era assim a vida do pescador".

Na roda do peixe, quem tivesse o melhor pregão conseguia cativar a clientela. Entre tantas mulheres a segurar o peixe pela guelra, Tia Adelina destacava-se pela pose e simpatia: "Vendia peixe na praia para uma motora, a 'S. José de Ribamar', e ganhava 10 escudos. Na roda do peixe era uma autêntica selva. Cada uma tentava levar a melhor sobre a do lado, mas não tenho razões de queixa. Quando leiloava, tinha fregueses que gostavam muito de mim. De lenço na cabeça, à lavradeira, era toda arrebitada. Vinham, compravam peixe e ainda me tiravam fotografias".

O marido Almerindo cedo teve de deixar de trabalhar, a contas com um grave problema de coluna, mas Tia Adelina, uma vez mais, não baixou os braços. "Ia para Ceuta, com a Ondina 'Ferrinha', comprar casacos de cabedal, que depois as minhas filhas vendiam nas fábricas. Foi nessa ocasião que comecei a fazer o meu pé de meia".

Com um invulgar instinto para o negócio, independentemente dos riscos que tivesse de correr, Tia Adelina nunca enfeitava a oportunidade de ganhar mais algum dinheiro e recorda quando ia a França comprar tabaco para depois vender. "Fui de camioneta à Nossa Senhora de Lourdes, por intermédio da Rosa 'Lorpa'. Na primeira vez, trouxe cinco caixas de tabaco, de 50 volumes cada. Levei umas sacas grandes e meti cada caixa numa saca. Depois botávamos tudo na parte detrás da camioneta para ficar escondido. Nessa primeira ocasião fui com o meu marido, mas ele é muito 'cagão' para passar. Fiz essas viagens várias vezes e nunca fomos apanhados. Em França não se pagava imposto e o tabaco era muito mais barato. Quando cá chegava tinha umas pessoas que me compravam para depois vender nos cafés. Tirando o medo de sermos apanhados, eram bons tempos porque passeávamos e ainda ganhávamos um dinheirinho".

E acrescenta: "Era muita gananciosa e sempre tive olho para o negócio. Mas trabalhei que nem uma moira. Tinha os filhos hoje e amanhã já ia trabalhar. Quantas vezes o meu homem chegou a trazer a minha filha mais velha, embrulhada num casaco de inverno, para eu dar de mamar enquanto apanhava argaço. Já nem sabia se estava a dar mama de leite ou de água salgada. Só eu sei o que passei na vida...".

Tia Adelina frequenta o Centro Ocupacional da Lapa, onde aliás fizemos esta entrevista, e participa nas atividades. Dos tempos de antigamente, confessa ter "saudades da caralhice" e de dançar. "Até parecia uma galga, mas sempre tive muita cabecinha".

A terminar, perguntamos qual o segredo para chegar aos 90 anos de idade? "Graças a Nosso Senhor, como de tudo, sardinha, chicharro, peixe ou carne. Mas, claro, tenho as mazelas da idade. As minhas perninhas estão muito massacradas pelo que a gente passou. Não terei muita mais vida, mas gosto de viver", afirma no linguajar característico das gentes do mar e de sorriso rasgado que nos conforta a alma.

O Sonho da Argevadi Abre as Portas à Realidade em 2023

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. Haverá muito desta citação de Fernando Pessoa no projeto social da Argevadi, a que se juntam outros predicados como a perseverança, a abnegação, o altruísmo e o espírito de sacrifício.

Tal como os nossos lobos do mar que enfrentam tempestades para ganhar o *'pão nosso de cada dia'*, da mesma forma os responsáveis pela Argevadi agarraram-se à coragem para não sucumbir às adversidades e fazer chegar a bom porto a materialização da sua intervenção social na área da infância, com a criação de uma creche e berçário, na freguesia de Argivai, um equipamento que deve abrir portas no início do próximo ano.



A Associação de Solidariedade Social Argevadi foi constituída, por escritura pública, em 04 de abril de 2007, com o objetivo de prestar apoio e proteção social à comunidade, nomeadamente na infância e terceira idade. Atualmente, para além da realização de algumas iniciativas de cariz comunitário e a colaboração no âmbito do Desporto Sénior, em fase final encontra-se a construção de uma creche (incluindo berçário), com capacidade para 66 crianças até aos 3 anos, no terreno do antigo salão social da freguesia.

Inicialmente orçada em 637 mil euros, a construção da creche teve início em 2009, com o apoio da Segurança Social, ao abrigo do programa PARES (70%), e da Câmara Municipal (20%). No entanto, o projeto sofreu várias vicissitudes, nomeadamente a falência de três diferentes empresas de construção civil responsáveis pela obra.

“Vi este projeto nascer e comprometi-me a não deixar esta obra inacabada”, sublinha Manuel Matos, eleito presidente da Direção da Argevadi em dezembro de 2020, ao recordar a falência das três empresas que “conduziram o projeto a um beco sem saída”, agravada com a “imperiosa” burocracia da Segurança Social.

Para evitar a abertura de um novo concurso público, que originaria mais atrasos na concretização do projeto, a associação procedeu a trabalhos não contratualizados e encontrou uma empresa com capacidade para finalizar a obra, cujos trabalhos, orçados em 148 mil euros, tiveram o imprescindível apoio do Município da Póvoa de Varzim.

“Neste momento as infraestruturas estão concluídas e estamos a ultimar a elaboração do concurso para a aquisição do mobiliário interior, que é participado pela Segurança Social, embora ainda es-

tejamos a aguardar o pagamento de duas prestações em falta, que ascendem a cerca de 45 mil euros. Por outro lado, vamos precisar instalar o sistema de ar condicionado, sem o qual o equipamento não pode entrar em funcionamento, e para isso contamos com o importante apoio da nossa autarquia”, explica Manuel Matos.

No período em que a obra esteve parada, fruto das falências das empresas de construção civil, “nunca estivemos verdadeiramente parados, uma vez que organizamos vários eventos para angariar receitas para fazer face aos custos, como o serviço de contabilidade”. O Presidente da Argevadi acrescenta: “Gostávamos que as empresas da região apadrinhassem as salas da creche com a oferta de mobiliário e equipamentos, mas, infelizmente, a receptividade não tem sido a que desejávamos. Resta-nos fazer um último esforço para, finalmente, estarmos em condições de abrir as portas desta nova casa à nossa comunidade”.



Destinado à infância, com capacidade para 66 crianças até aos 3 anos, o edifício dispõe de quatro salas de atividades, casas de banho, um berçário no lado nascente e todas as comodidades para as crianças e pessoal técnico. No piso inferior está instalada a zona de serviços, com casas de banho, lavandaria, cozinha, rouparia, sala de pessoal, casa das máquinas e uma cave/garagem. “Pese embora todas as vicissitudes que tivemos de enfrentar, estamos perante um equipamento de excelente qualidade e que orgulha Argivai e a Póvoa de Varzim. Foi uma caminhada difícil e tumultuosa. Deparamo-nos com imensos problemas, mas demos sempre o nosso melhor, imbuídos num espírito voluntário e de missão, em prol da concretização deste importante projeto”, reforça Manuel Matos, que acalenta a esperança de proceder à inauguração já no início do próximo ano.

Refira-se que a Argevadi ainda alimenta o sonho de criar as infraestruturas necessárias para a implementação de respostas sociais para a terceira idade, concretamente as valências de Lar de Idosos, Centro de Dia e Apoio Domiciliário, desde que enquadradas em programas de apoio

da Segurança Social. “O terreno já existe e a cozinha foi montada com capacidade para apoiar as duas valências. Mesmo reconhecendo a necessidade de respostas sociais para a terceira idade, só avançaremos para um projeto desta envergadura desde que haja programas de apoio. Para já, a nossa prioridade é a conclusão da creche e berçário”, conclui Manuel Matos.



“Caminhos, Ruas e Lugares”

O Topónimo da Avenida do Repatriamento dos Poveiros

Na rúbrica desta edição calcorreamos a Avenida do Repatriamento dos Poveiros, cuja abertura remonta ao primeiro trimestre de 1974 para servir o então Hotel Vermar, o edifício Nova Póvoa (comumente conhecido como o prédio de 28 andares) e toda a urbanização abrangida por esta extensa artéria.



A atribuição da toponímia foi proposta pelo então vereador municipal Alberto Eiras Gomes dos Santos, aprovada por unanimidade, em sessão camarária de 2 de setembro de 1974: “Proponho que seja denominada Avenida do Repatriamento dos Poveiros a artéria (...) que parte da Avenida Vasco da Gama para norte (...). Com efeito, é mais que tempo de perpetuar esse feito extraordinário que foi o Repatriamento dos Poveiros. Num grande gesto de dignidade patriótica, por se recusarem a perder a nacionalidade portuguesa, em 1920, os Pescadores Poveiros, residentes no Brasil, preferiram ser repatriados, regressando à terra natal deixando trabalho assegurado e bem-estar só para não abdicarem da qualidade de cidadãos portugueses! Trata-se de um dos acontecimentos mais marcantes da vida nacional daquele ano e que ficou conhecido em todo o país por Repatriamento dos Poveiros, a que a imprensa da época deu o maior relevo. Foi acto de tão acentuado patriotismo e amor à terra natal que não pode

deixar de ser perpetuado na terra dos seus autores, enquanto alguns ainda restam vivos. Outras terras já o fizeram, como a cidade do Porto que dedicou aos Poveiros, por esse gesto inesquecível, a sua Praça de Santo André, que por isso passou a denominar-se dos Poveiros. E também a cidade de Viana do Castelo, além de outras. Foi a partir de então que se acentuou e começou a ser usado com orgulho a designação de Poveiros para os homens da Póvoa de Varzim, destacando-se dos habitantes de outras Póvoas, denominados Povoenses. (...) Faltava perpetuar o acto em si, a gesta altruística e patriótica, de amor à terra natal, que foi o Repatriamento dos Poveiros. É o que proponho (...) e ainda que a deliberação seja comunicada, por certidão, ao Ex.mo Senhor Dr. Jorge da Silva Barbosa, historiador local e membro do Conselho Municipal e da Comissão Municipal de Toponímia, para a considerar nas suas publicações de toponímia poveira que anda a publicar no Boletim Cultural desta Câmara Municipal”.

Já se passaram mais de cem anos, mas continua bem presente na nossa memória coletiva o processo que, no outono de 1920, levou ao repatriamento de centenas de pescadores poveiros radicados no Brasil, na sequência da aplicação de uma política de nacionalização da pesca, por parte do governo brasileiro, que, entre outras exigências, obrigava todos os estrangeiros a naturalizarem-se para poderem exercer a profissão.

Exímios pescadores em qualquer parte do mundo, não demorou muito até que os poveiros dominassem a pesca na costa brasileira, resgatando do mar o sustento de todos os dias. Essa, aliás, tinha sido a razão pela qual deixaram a amada Póvoa de Varzim, em busca de uma vida melhor em terras de Vera Cruz.

No entanto, a implementação de um maior controlo das águas territoriais suscitou uma onda de nativismo lusófono. Obrigados a naturalizarem-se cidadãos



brasileiros para continuarem a trabalhar no país, os pescadores poveiros recusaram-se a abandonar a pátria que os viu nascer. Foi assim que decidiram regressar, tendo como certas apenas a fome e a miséria a que tinham tentado fugir.

Rostos tisonados pelo sol ao longo de uma vida inteira no mar. De semblantes carregados de tristeza, num humilde saco de pano guardaram ciosamente os parcos

bens que essa existência de sacrifício conseguiu reunir. A Portugal regressaram pobres, mas foram recebidos como heróis patriotas.

Numa época em que a moral do País andava pelas ruas da amargura, este retorno emocionou Portugal e exacerbou sentimentos de orgulho nacional que nem se sabia ainda existirem. Afinal, os pobres poveiros recusaram o sonho brasileiro por não quererem deixar de ser portugueses.